

ESTRANGEIROS NA CIDADE ILHADA DE HATOUM

Marina Arantes Santos Vasconcelos*

Resumo:

Este trabalho pretende identificar, no livro de contos *A cidade ilhada*, de Milton Hatoum, os personagens estrangeiros. O objetivo é mapear quantos são, quem são e que percursos realizam ao longo da obra. A partir desse cenário, a intenção é traçar um olhar sobre o tema da imigração e sobre o conceito de ‘estrangeiridade’ na literatura brasileira, além de observar como o autor particulariza sua acepção.

Palavras-chave: Estrangeiros, imigração, literatura brasileira, Milton Hatoum.

“Emilie me confundiu com Armand Verne. Ele, sim, é um linguista aplicado e tutor dos nativos. Verne pensa que pode promover a cultura indígena elaborando cartilhas bilíngues. É um equívoco: *não se pode dominar totalmente um idioma estrangeiro, porque ninguém pode ser totalmente outro.*”
(Hatoum, 2009, p. 97, grifo meu)

Ao nos apresentar sua primeira coletânea de contos, Milton Hatoum também dá sinais que indicam a sedimentação de um estilo e a coerência interna de sua obra. *A cidade ilhada* (2009) oferece a oportunidade de se visitar aquela província amazonense aduzida pelo autor em seus primeiros romances, que agora divide a cena com o cosmopolitismo de outras paisagens, como Paris, Bangcoc ou Palo Alto, e conta com a presença mais evidente de um sujeito cuja figuração é o interesse principal deste trabalho: o estrangeiro.

Identificar uma acepção particular da ‘estrangeiridade’ requer a antecipada tarefa de compreensão da representação do estrangeiro na narrativa contemporânea, numa perspectiva abrangente e que considere indagações essenciais, como sub-rubricas da temática principal, a exemplo da dúvida sobre o que ainda é possível narrar, tendo em vista a identidade cindida do estrangeiro na modernidade, e de se perceber a experiência desse sujeito nesta que é, segundo Edward Said (2003), a “era da imigração em massa”.

Etimologicamente, o termo ‘estrangeiro’, de acordo com Antônio Geraldo da Cunha (2010), vem do latim e remete ao caráter do que é “relativo a nação diferente

* Mestranda em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília. E-mail: marinavasconcelos0@gmail.com

daquela a que se pertence” (Cunha, 2010, p. 272). Já o termo ‘estranho’, nessa perspectiva, configura o que é “extraordinário, raro, maravilhoso” (Cunha, 2010, p. 272). Com isso, busco uma aproximação entre a origem dos vocábulos para construir o aporte conceitual relacionado à noção de ‘estrangeiridade’ hatoumiana. Tzvetan Todorov explora essa questão da alteridade, entre outros, em seu *A conquista da América* (2011), em que apresenta uma acepção abstrata para o ‘outro’ (instância da configuração psíquica de todo indivíduo); e uma acepção concreta (um grupo social concreto ao qual *nós* não pertencemos). Sua reflexão, em termos gerais, leva-o a perceber que a “afirmação da exterioridade do outro (...) vem junto com seu reconhecimento enquanto sujeito” (Todorov, 2011, p. 365). E, seguindo seu raciocínio, chega uma possível caracterização de uma “nova maneira de viver a alteridade” em nossa época: citando o filósofo francês Emmanuel Levinas, fala em uma época que é “ação para um mundo que vem, superação de sua época – *superação de si que requer a epifania do Outro*” (Todorov, 2011, p. 365, grifo meu).

Nesses termos, pensar a ‘estrangeiridade’ presente na obra de Milton Hatoum é justamente procurar perceber, nos traços figurativos dos estrangeiros que visitam a cidade ilhada amazonense, a caracterização de sujeitos cujas identidades se (re)definem a partir do encontro com o ‘outro’ – seja o nativo, o outro estrangeiro, ou o imigrante – e da revelação de sua alteridade (a epifania do Outro). Pode-se incluir nessa reflexão a noção, também desenvolvida por Todorov, de ‘exilado moderno’: “o qual, por sua vez, personifica uma tendência própria da nossa sociedade: esse ser que perdeu sua pátria sem ganhar outra, que vive na dupla exterioridade” (Todorov, 2011, p. 364).

A cidade ilhada é uma coletânea que reúne 14 contos. Trata-se do primeiro livro de contos do autor. Milton Hatoum publicou, anteriormente, o romance *Relato de um certo Oriente* (1989), seguido de *Dois irmãos* (2000) e *Cinzas do Norte* (2005), e, por último, *Órfãos do Eldorado* (2008).

Entre as narrativas de seu último livro, a Amazônia aparece como imagem central que recebe a influência de pátrias distintas, por meio do legado de estrangeiros de variadas etnias e nacionalidades, deixado nos rastros de seus deslocamentos, que incluem a passagem ou mesmo a estadia fixa em Manaus. O primeiro deles – “Varandas da Eva” – configura um introito em que já se sugere os caminhos que serão trilhados nos enredos subsequentes. Nele, o narrador menciona a presença, na cidade ilhada, de

uma estrangeira. Parece ser um prelúdio ou dado indicativo dos tipos que se poderá encontrar nas narrativas que se seguem a esse conto inaugural – uma sugestão temática.

“Uma estrangeira da nossa rua” é o segundo conto de *A cidadeilhada*. Seu narrador já nos apresenta, no primeiro parágrafo, uma família estrangeira, não mais uma referência dispersa a uma vizinha de outro bairro. Possui identidade. É a família Doherty. “Uma carta de Bancroft” é o terceiro conto do livro, em que estrangeiros e espaços diversificados são representados.

Neste ponto da coletânea, já se evidencia a presença constante de estrangeiros na cidadeilhada de Hatoum. O título do quarto conto descreve tal encontro: “Um oriental na vastidão”. Kazuki Kurokawa representa a etnia japonesa; e a história que se desenvolve em torno de sua visita ao Brasil possibilita o aprofundamento das ponderações que os personagens realizam, referentes às questões derivadas do problema da imigração e dos sentimentos decorrentes de uma percepção particular da ‘estrangeiridade’. Em seguida, o conto “Dois poetas da província”: outro enredo abrigo relatos secretos que envolvem sonhos, fantasias, memórias de personagens que concebem suas experiências de vida no contexto de suas relações com a literatura e a paixão por terra estrangeira – no caso, a França.

“O adeus do comandante” é o sexto conto e não apresenta estrangeiros ou imigrantes; é uma narrativa com enfoque direcionado exclusivamente a questões da província amazônica. Segue-se a ele o conto “Manaus, Bombaim, Palo Alto”. O próprio título já sugere os deslocamentos e percursos que nele serão traçados.

“Dois tempos”, o oitavo conto, apresenta um dado interessante, que é a menção ao desejo que o narrador confessa de partir de Manaus. “A casailhada” é a nona narrativa. O cenário é Manaus. O estrangeiro Lavedan é o cientista estrangeiro interlocutor do narrador protagonista. Harriet é a personagem estrangeira – mulher inglesa do cientista – representada no enredo.

A história das experiências de um casal brasileiro residindo na França é o enredo central de “Bárbara no inverno”. Já o conto seguinte, “A ninfa do teatro Amazonas”, apresenta-nos “Seu Álvaro Celestino de Matos – oitenta e sete anos, olhar taciturno e sotaque de imigrante nortenho” (Hatoum, 2009, p. 90). “A natureza ri da cultura” é o décimo segundo conto. Fato interessante nesse conto é a atmosfera autobiográfica e a referência à imigração libanesa, dados conectados à condição do próprio Hatoum,

confirmando a hipótese de Regina Dalcastagnè, de que “a figura do autor (...) jamais estará ausente de seu texto” (Dalcastagnè, 2001, p. 85).

Encerrando a coletânea, estão “Encontros na península” e “Dançarinos na última noite”. No penúltimo conto, estudante brasileiro ensina português uma para senhora catalã que possui amante português e, em decorrência de sua relação, deseja ler Machado de Assis, no original. E, para finalizar a obra, Hatoum nos apresenta Porfíria e Miralvo. Personagens provincianos, com raízes amazônicas, os quais terminam por viver uma aventura amorosa e voluptuosa na própria cidade ilhada. Os estrangeiros são os espectadores de suas danças sensuais e sugestivas no hotel New Horizon.

Entre as perspectivas relacionadas à representação do estrangeiro na historiografia literária brasileira, recorro, neste instante, ao pensamento da professora Berta Waldman, segundo quem “(...) Estrangeiros e imigrantes aparecem na literatura brasileira de formas distintas” (Waldman, 2003, p. XIX). A esse respeito, explica que os “estrangeiros vêm ao Brasil (...) com a abertura ao capital internacional, dado o surto desenvolvimentista infra-estrutural” (Waldman, 2003, p. XIX). Nesse sentido, tendo em vista a qualificação da mão de obra desses sujeitos, a partir da colaboração e do legado profissional e cultural que oferecem, “(...) configurarão um padrão de referência, dada a superioridade de formação que os distingue. Assim, eles merecerão um tratamento literário distinto daquele que receberá o imigrante” (Waldman, 2003, p. XIX). Por outro lado, a autora esclarece que “os imigrantes serão sempre apresentados como instrumentos desumanizados, ao mesmo tempo reduzidos a braço-de-trabalho e semeadores do embranquecimento da população brasileira, contribuindo para apagar as marcas de sua origem” (Waldman, 2003, p. XIX).

O que se apreende dessa distinção é aspecto relevante acerca da acepção do conceito de ‘estrangeiridade’ particularizado pelo autor manauara. Numa perspectiva geral, os estrangeiros representados nos contos analisados são intelectuais, cientistas, diplomatas ou profissionais de nível superior, realçando uma noção de superioridade sociocultural. Todavia, são identificados, também, aqueles sujeitos que podem ser tipificados em harmonia com a figuração que Berta Waldman propõe de imigrantes, representados, nesta coletânea, em sua condição de mão de obra desvalorizada e compulsória, decorrente de privações econômicas e desvantagens culturais e sociais, a exemplo de Tse Ling Roots (3º conto).

Outro dado a salientar é que os estrangeiros de Hatoum, em sua maioria – sem se considerar aqui a distinção (estrangeiros / imigrantes) acima estabelecida –, garantem sua sobrevivência por meio de um processo de negociação transcultural, que envolve convivência com a alteridade em um contexto de exílio – em sua variada forma de manifestação. O que entra em cena, neste ponto, portanto, é como se apresenta para a maioria desses estrangeiros hatoumianos o espaço físico figurado como destino de suas jornadas individuais, onde esses encontros e convivências se dão: uma ilha urbana que abriga a exuberante e exótica floresta tropical da Amazônia.

O contato com a floresta amazônica leva, talvez, ao extremo a existência da possibilidade de se experimentar o que está para além do território do ‘eu’ e dentro do território do ‘outro’. É o ultrapassar das fronteiras da selva que fornece a esses estrangeiros errantes a possibilidade do canibalismo, de alcançar o ‘outro’, de vivenciar as dimensões abstratas e concretas da questão da alteridade: eis a aventura reservada a esses viajantes emigrados.

Revisito, por falar em canibalismo, a crítica de Gilberto Mendonça Teles (1997), em sua abordagem referente ao modernismo brasileiro – com sua reunião de manifestos, editoriais, conferências etc. –; e me ocupo, neste momento, de realizar um breve traçado comparativo entre os contos de Hatoum e o “Manifesto Antropófago”, de Oswald de Andrade, segundo quem, “Só a ANTROPOFAGIA nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. (...) Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos *imigrados*, pelos *traficados* e pelos *touristes*. No país da cobra grande” (Teles, 1997, p. 353-354, grifo meu); para sugerir que o protesto oswaldiano reconhece, denuncia e faz sua crítica à apropriação cultural do “selvagem” pelo “civilizado”.

Nos manifestos que inauguram seu projeto vanguardista, o modernista também se vale do ‘totem e tabu’ freudiano: “As migrações. A fuga dos estados tediosos. Contra as escleroses urbanas. (...) A transfiguração do tabu em totem. Antropofagia” (Teles, 1997, p. 357-358); e lança as bases de sua poética transgressora. A conclusão que inaugura o manifesto de Oswald de Andrade admite ser a antropofagia a possibilidade una de encontro entre “filhos do sol” e “touristes” – ou “imigrados”. E aí se apresenta a questão: dialoga esse “imigrado” oswaldiano com o “homem que se apropriava da cultura dos nativos com a esperança de salvá-los” (Hatoum 2009, p. 100), figurado por Hatoum? O

pesquisador Carlos Gardin (1995), ao estudar a obra poética e teatral de Oswald de Andrade, observa que “Revisitar Oswald é como antropofagizar-se em seu mundo. Comer e ser comido em seu texto. Bater em revista a contradição: maior lição de vida. Metamorfose do ser em texto” (Gardin, 1995, p. 45).

E assim proponho um possível olhar para esse estrangeiro figurado por Hatoum: desenvolvido a partir do gesto curioso do encontro com a ilha, seguido da postura observadora que tudo registra e percebe, para que o olhar seja certo ao definir o instante da captura de imagens, que serão matéria-prima para a reflexão e a deglutição canibal de tudo o que é travessia entre o ‘eu’ e o ‘outro’: síntese para a figuração de uma acepção hatoumiana para ‘estrangeiridade’: antropofagia. Encontro com a tradição. Oswald revisitado: “*A arte incorpora o momento histórico do outro (...)* E, neste processo, é o diálogo que precisa vir à tona enquanto processo construtor não só da arte, mas de todo e qualquer evento artístico ou não” (Gardin, 1995, p. 20, grifo meu).

E a narrativa de Milton Hatoum atualiza-se ao dialogar e inserir-se na historiografia literária brasileira apropriando-se e ampliando as fronteiras entre o nacional e o internacional. O exílio moderno.

Referências

CUNHA, Antônio Geraldo da (2010). **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon.

DALCASTAGNÈ, Regina (2001). Contas a prestar: o intelectual e a massa em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. **Revista de Crítica Literária Latinoamericana**, nº 3, Aarhus, p. 82-98.

GARDIN, Carlos (1995). **O teatro antropofágico de Oswald de Andrade: da ação teatral ao teatro de ação**. São Paulo: 2ª Ed. Annablume.

HATOUM, Milton (2009). **A cidade ilhada**. São Paulo: Companhia das Letras.

SAID, Edward (2003). **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras.

TELES, Gilberto Mendonça (1997). **Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972**. 18ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

TODOROV, Tzvetan (2011). **A conquista da América:** A questão do outro. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo, WMF Martins Fontes.

WALDMAN, Berta (2003). **Entre passos e rastros** – presença judaica na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Perspectiva S.A.